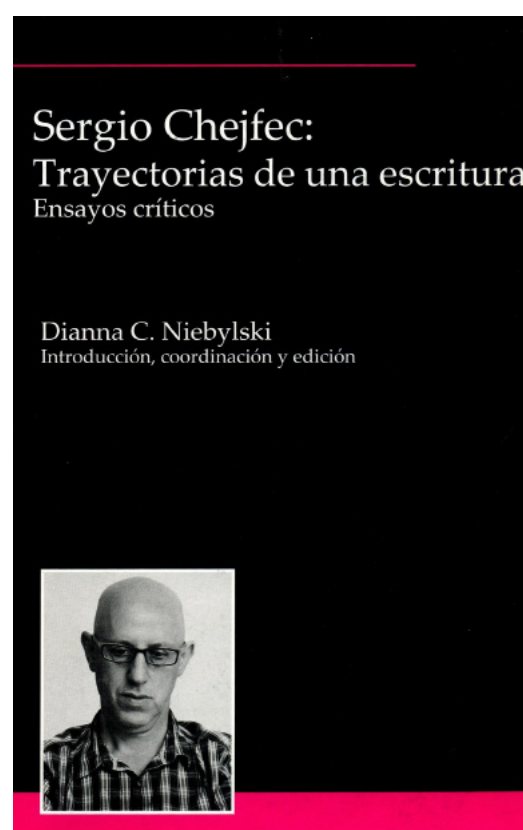


# Sergio Chejfec: trayectorias de una escritura.

## Ensayos críticos

398



**Mariana Martínez Stasi**

Universidade Federal de Santa Catarina

O escritor Sergio Chejfec, apontado por vários críticos como um dos narradores mais originais que surgiram na argentina nos últimos anos, nasceu em Buenos Aires em 1956. Nos anos oitenta entrou na cena literária argentina junto com o grupo da importante e polêmica revista *Babel* do qual participaram Alan Pauls, Luis Chitarroni, Sergio Bizzio e Daniel Guebel, entre outros. Em 1990 emigrou para a Venezuela, onde

permaneceu até 2005 trabalhando como chefe de redação da revista *Nueva Sociedad*. Atualmente reside nos Estados Unidos e é professor de escritura criativa na Universidade de Nova York.

Chejfec é autor de uma ampla obra que inclui novelas, contos, ensaios e poemas. Seus livros mais recentes são: *Últimas noticias de la escritura* (ensaio, 2015), *Modo linterna* (contos, 2013), *La experiencia dramática* (romance, 2012), *Sobre Giannuzzi* (ensaio, 2010), *Mis dos mundos* (romance, 2008) e *Baroni, un viaje* (romance, 2007). Recebeu apoio das fundações Guggenheim e Ranieri. Foi traduzido para o inglês, alemão, francês, turco e hebraico e tem, por enquanto, só o romance *Boca de lobo* traduzido ao português e publicado em 2007 no Brasil pela editora Amauta. O conto *Donaldson Park*, que faz parte de *Modo linterna*, foi traduzido para a língua portuguesa no livro *Os outros*, uma antologia de narrativas argentinas contemporâneas organizado pelo escritor e psicanalista argentino Luis Gusmán e publicado pela editora Iluminuras em 2010. Chejfec é autor, também, de numerosos ensaios e textos curtos publicados em diversas revistas, antologias e coleções. Alguns textos são disponibilizados pelo escritor no seu espaço virtual *Parábola anterior*<sup>1</sup>.

Desde a publicação do seu primeiro romance, *Lenta biografía* (1990), descrever e analisar o estilo particular de Chejfec tem sido, para grande parte da crítica que se preocupa com a produção literária do país, uma questão inevitável. Beatriz Sarlo escreveu “*Leyendo sus novelas estamos en una situación de inseguridad continua pero atenuada*” (SARLO, 2004, p.146). Josefina Ludmer, em seu livro *Aquí América Latina* qualifica a obra de Chejfec como ficção deliberadamente literária e reflexiva: “*Es literaria y reflexiva en grado extremo porque también aparece como autorreflexiva*” (LUDMER, 2010, p.100). Edgardo Berg, em seu artigo *Una poética de la indeterminación: notas sobre Sergio Chejfec*, utiliza palavras como desvio, inversão e anomalia para caracterizar a escrita de Sergio Chejfec. Se é verdade que a produção do escritor tem instigado a capacidade de análise de muitos críticos, de pessoas ligadas à academia e incluso de escritores, principalmente depois da publicação de *Mis dos mundos* (2007) pela prestigiosa editora espanhola Candaya, também é verdade que estes trabalhos se encontram dispersos, em diversos suportes em diferentes lugares do

<sup>1</sup> Parábola anterior está disponível em: <https://parabolaanterior.wordpress.com/>.

mundo, e, portanto, muitas vezes, difíceis de acessar. O livro *Sergio Chejfec: Trayectorias de una escritura* se apresenta com o objetivo de começar a corrigir essa questão, reunindo dezesseis ensaios sobre a obra narrativa do escritor, sendo quinze deles inéditos.

O livro, organizado e editado por Dianna C. Niebylski, professora de Literatura Latino-americana e Comparada na Universidade de Illinois, Chicago, propõe ensaiar traços dos caminhos percorridos por uma escrita em movimento, a de Chejfec. Na introdução, também a cargo de Niebylski, já nos situamos neste caminhar lento, incerto, intermitente e complexo da produção literária do escritor argentino. A organizadora e editora nos introduz em diversos temas que confluem e perpassam os textos de Chejfec, como memória e linguagem, certa presença da questão judaica, a desterritorialização e a relevância da construção do espaço. Ao mesmo tempo, nos apresenta e analisa os modos que o escritor objetiva esta temática na sua obra. Muitas dessas questões são retomadas e reconsideradas com maior detalhe e a partir de uma ampla diversidade de perspectivas nos ensaios subsequentes. Estes estão agrupados em quatro eixos temáticos: *Pretextos y Contextos; Memoria, pérdida, escritura; Geografías en obras: entre el espacio poético y el relato documental*; e por último, *Viajes, desplazamientos y resonancias*. Finalizando o livro, há uma bibliografia de Chejfec que inclui, além dos livros, relatos breves, resenhas e artigos. Há também, uma lista de ensaios críticos selecionados sobre a obra do escritor argentino e, ainda, uma indicação de entrevistas extensas realizadas com o autor.

Após a introdução, escrita pela organizadora do livro, a segunda colaboração dentro do primeiro eixo temático *Pretextos y Contextos* está a cargo de Beatriz Sarlo. Em *Chejfec por Sarlo* reúnem-se quatro ensaios que a autora escreveu a partir da leitura de quatro livros de Chejfec: *El Aire* (1992), *Cinco* (1996), *Boca de Lobo* (2000) e *Mis dos mundos* (2008). Entretanto, seus comentários não se atêm somente às mencionadas produções e tentam mapear a trajetória do escritor com o intuito de detectar e explicar (ou se explicar, em suas palavras) a sua “*sorprendente y a veces inexplicable originalidad*”. O olhar de Sarlo privilegia a sintaxe de Chejfec, que ela descreve como “*sólida desde el punto de vista constructivo, y dubitativa desde el punto de*

*vista semántico*”; a temática em torno da qual giram suas ficções e o tratamento conceitual dado ao espaço: “*Los espacios descriptos por Chejfec son hipótesis*”<sup>2</sup>.

No ensaio de Edgardo Berg, “*Paseo, narración y extranjería en Sergio Chejfec*”, em que abundam as frases condicionais para estabelecer conjecturas a partir dos escritos de Chejfec, sobressai uma afirmação cujo núcleo é o verbo definir: “*La literatura de Chejfec se define por los espacios que representa. O mejor por el modo de caminar esos espacios. Caminar es también caminar hacia atrás*”<sup>3</sup>. É em torno desta ideia que Berg tece suas conjecturas, oferecendo uma visão panorâmica e mesmo tempo exaustiva<sup>4</sup> de como é trabalhado o espaço e esses passeios pelos espaços representados nos textos do escritor argentino. Berg não deixa de explorar suas implicações na narração e no tipo de personagem característico da obra do autor.

Isabel Quintana abre o segundo tópico “*Memoria, pérdida, escritura*” com o ensaio “*Topografías de la memoria, trazos de afectos y la potencia de la escritura en Lenta biografía*”. A partir da leitura da vasta obra publicada por Chejfec durante os vinte anos posteriores à primeira edição de sua primeira novela, a autora acredita encontrar em *Lenta biografía* um ponto de intensidade no qual estão condensados os núcleos centrais da poética do autor argentino. Estes núcleos orbitam em torno de duas questões, por um lado, a ideia da imaginação como produtora de realidade e, por outro, a ideia de que a voz narrativa se desenvolve a partir da presença dos outros, “na relação”. Afirmar Quintana: “*la escritura se despliega en esa dimensión relacional en que el otro es un espacio abierto que la narración suplementa*”<sup>5</sup>. No ensaio se expõem ainda alguns procedimentos recorrentes que compõem o mundo de *Lenta biografía* como a presença, solidária para a produção do relato, de subjetividades moldadas por capas de percepções e capas de subjetividades que se superpõem na narração, sobre o fundo de uma geografia do desterro que molda também as subjetividades.

2 Sarlo, Beatriz. “Chejfec por Sarlo”, in Niebylski, Dianna C. (ed.), *Sergio Chejfec: trayectorias de una escritura. Ensayos críticos*. Pittsburgh, 2012, p.35-37.

3 Berg, Edgardo. “Paseo, narración y extranjería en Sergio Chejfec”, in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p.48.

4 O único livro de ficção que não é abordado por Berg, em relação a este tópico, é *Cinco* (1996). É importante mencionar que Berg aborda também o livro de poemas “*Gallos y huesos*” (2003)

5 Quintana, Isabel. *Topografías de la memoria, trazos de afectos y la potencia de la escritura en Lenta biografía*, in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p.68.

Gina Saraceni, no ensaio “*Las demoras de la memoria: pérdida y ausencia en Lenta biografía, El extranjero y El aire*”, aborda a relação entre literatura e memória em cada uma das três obras citadas. Nestes primeiros textos de Chejfec, segundo a autora, a “perda” como tema e como conceito é uma constante, e a “memória” é o lugar onde a escrita se põe em cena evidenciando a impossibilidade de recuperar o passado. Assim, *Lenta biografía* e *El extranjero* são analisados como relatos de uma memória impossível: fica evidente nas reuniões dominicais que o que é narrado poderia sempre ser lembrado e narrado de outro modo, e que ao falar sobre o outro, “o perseguido”, quem fala está falando de si mesmo; já o relato *El extranjero* trata da memória de algo que nunca foi realizado, as viagens imaginadas pelo irmão falecido do narrador, que deixa como herança que o irmão continue a imaginá-las como sendo possível realizá-las sempre de um modo diferente. Já no caso de *El aire*, o narrador foi abandonado por sua mulher e o deferimento e a postergação são parte da opção que Barroso escolhe para lidar com a perda e dilatar a ausência de Benavente.

Em “*El lenguaje secuestrado: estética, ética y política en Los planetas*” Erin Zivin explora as ferramentas estéticas usadas por Chejfec em *Los planetas* para transparecer os limites do discurso literário ao expor a relação entre identidade e diferencia. Segundo Zivin, Chejfec escreve a partir da imagem do vazio, junto com a ideia da “questão judaica” como um significante vazio. Esta temática, no ensaio, é trabalhada ao redor da ideia de carência – a carência após o desastre deixado pela ditadura e pela desaparecimento de pessoas– em diálogo com as obras de Alain Badiou e Slavoj Žižek.

Dianna Niebylski, no ensaio “*Paralajes de la memoria, desviaciones del duelo y otras ilusiones ópticas en Los planetas*”, faz uso do conceito de “*paralaje*” (associado ao conceito derridiano de *hauntologie*) para se aproximar das estratégias usadas por Chejfec para compor um romance cuja temática orbita em torno da experiência do duelo, dos limites da lembrança e dos enigmas da memória em uma geografia de solapada extrema violência. O ensaio assinala os procedimentos escriturais usados pelo autor, sendo um deles as reiterações elípticas da estrutura do romance, como uma das estratégias utilizadas para propor um percorrido “pelas pegadas, pelas ruínas e as

margens fantasmais da lembrança”<sup>6</sup>. Assim, o narrador de *Los planetas*, a partir de um presente incerto, interpela os espectros do passado na geografia de sua cidade natal e vislumbra algumas projeções da lembrança que o aproximam ao enigma do amigo desaparecido. Outras estratégias analisadas por Niebylski, como solidárias à proposta do autor, são o uso de paralelismos instáveis, simetrias incompletas e a questão do duplo, analisada, no ensaio, não só, mas também, à luz do conceito de “*Unheimlich*” (O sinistro) de Freud.

Com o texto titulado “*Fotografía y retrato de lo contemporáneo en El aire y otras novelas*”, Luz Horne abre a terceira parte do livro organizado por Niebylski postulando que Chejfec nos seus romances<sup>7</sup> procura fazer um retrato do contemporâneo. Para isto, segundo a autora, ele apela ao fotográfico para dizer o que não é possível colocar em palavras. Trata-se, este “fotográfico”, de um efeito resultante de um determinado trabalho com a linguagem: as palavras nos romances de Chejfec aspiram a “reter alguma coisa da materialidade do mundo”<sup>8</sup>. Horne nos propõe pensar esta ideia de “retrato do contemporâneo”, que Chejfec consegue através do uso de estratégias e procedimentos vanguardistas, ao lembrar que um dos tópicos centrais do realismo foi o do “representar o próprio presente”. Desta forma, a autora sugere uma substituição da ideia de representação pela ideia de retrato e aproxima Chejfec ao conceito de “Novo realismo”.

Stephen Buttes em “*De sombras y umbrales: ansiedad geográfica en Boca de lobo*” propõe a leitura deste romance de Chejfec como um ensaio de “corografia”<sup>9</sup>, ou seja, como um texto que pretende representar um território em todas as suas particularidades e resgatar o que ficaria por fora de uma representação cartográfica convencional. *Boca de lobo*, segundo o autor, através das lembranças do presente

6 Niebylski, Dianna C. *Paralajes de la memoria, desviaciones del duelo y otras ilusiones ópticas en Los planetas*, in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p. 103 (tradução nossa).

7 Horne analisa publicações de Chejfec anteriores a 2008 com ênfase em *El aire*.

8 Horne, Luz, *Fotografía y retrato de lo contemporáneo en El aire y otras novelas de Chejfec*, in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p.139 (tradução nossa).

9 Corografia é um termo que provém do latim *chorographia*, e este do grego. χορογραφία *chōrographía*. Foi utilizado principalmente durante a primeira metade do século XIX para a descrição de regiões delimitadas (choro alude a lugar). Um exemplo deste tipo de estudos no Brasil é “A Corografia Brazilica: relação histórico-geográfica do Reino do Brazil”, do padre Manuel Aires de Casal, editada em 1817 no Rio de Janeiro.

de um narrador, reconstrói uma geografia produzindo, assim, uma narrativa que por sua vez sugere imagens que conseguem registrar a expansão do neoliberalismo e seus efeitos nos corpos e nas paisagens.

Em “*Territorios de la historia del presente y contratiempo literário en Boca de lobo*”, Patrick Dove reflete sobre a importância e o tratamento da questão histórica em *Boca de lobo*. Neste romance, a história (social, literária e inclusive universal) é pensada como necessidade e contingência, dando ênfase a um aspecto da contingência que diz respeito à possibilidade de que em determinados momentos do passado, esse processo que é a história, tenha tomado um rumo completamente diferente. Outro assunto desenvolvido por Dove é a tematização no romance do esgotamento da poética do realismo que acontece em paralelo à dissolução contemporânea do social. Trata-se, no romance de Chejfec, de “interromper modalidades de legibilidade dominantes que estruturam nossa experiência do cotidiano”<sup>10</sup> instaurando o vazio no coração do processo de significação.

O interesse de Maximiliano Sanchez também recai em *Boca de lobo*. Segundo ele, no texto de Chejfec, a fábrica é uma boca de lobo que consome a vida dos operários, que estão presos num tempo circular, sem saída. Em contraposição, o tempo do narrador é *lineal e* pertence a um “outro lugar” no qual circulam os objetos produzidos na fábrica. Esta visão do mundo operário junto com a imagem de sua amante, Delia, oferecida pelo narrador, cuja identidade é definida em virtude do seu trabalho, leva Sanchez a propor que há ressonâncias dos primeiros escritos de Karl Marx no romance de Chejfec. Esta temática, associada ao uso que se faz da linguagem no romance, é *trabalhada em “Ecos de Marx en Boca de lobo”* que é o décimo ensaio do livro organizado por Niebylski.

Fechando a terceira parte do volume, em “*Los trabajos: creación y escritura en Boca de Lobo*”, Alejandra Laera se interroga até que ponto a escritura pode dar conta da passagem entre trabalho e criação. É a través da relação entre o narrador e Delia, sua amante operária, que se problematizam, sem nunca se resolver, as possibilidades, mudanças e limites de uma concepção (libertadora) da narração e da literatura.

---

<sup>10</sup> Dove, Patrick. *Territorios de la historia del presente y contratiempo literário en Boca de lobo* in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit, p.175 (tradução nossa).

Segundo a autora, *Boca de lobo* expõe a fragilidade da oposição entre trabalho mecânico e criação. No romance, a criação estaria dada na procriação, em Delia, e na escritura, no narrador, sendo que ambas aparecem como antagônicas à produção industrial. Porém, nenhuma das duas representa uma saída ou uma possibilidade de autonomia, portanto, a criação é apresentada como uma compensação frágil e transitória, e não como uma liberação. Laera analisa também como aparece esta questão em outros romances do autor, destacando a importância que tem para suas reflexões a clara distinção que o autor faz entre realidade e ficção; entre experiência e escritura.

Luis Moreno Villamediana, na primeira colaboração do quarto e último eixo temático “*Viajes, desplazamientos y resonancias*”, se interessa pelos modos de representar o movimento, o traslado, pela maneira que Chejfec constrói uma geografia que traz a ideia de paisagens contíguas, “*de espacios que se leen como eslabones temporales*”<sup>11</sup>, e do seu correlato ficcional. O autor pretende mostrar, em seu ensaio “*Gramática del viaje en Cinco y Los incompletos*”, como funcionam esses romances enquanto representações do estrangeiro. Nos dois romances, o cenário é um território periférico no qual o lugar final de uma experiência (uma geografia) e uma travessia articulam-se em torno de uma ideia de subjetividade, assumida como uma miscelânea e não como o produto de uma cadeia contínua de eventos. Esta articulação produz efeitos diferentes nos citados romances, sendo que em *Cinco* a subjetividade está associada a sua ancoragem e em *Los incompletos* a seu provável esvaecimento.

As perguntas de Craig Epplin giram em torno da construção, circulação e consumo da obra de arte, sobretudo da produção de literatura, no contexto da globalização e em relação com as novas formas de textualidade representadas pelas tecnologias digitais. Epplin, em “*La literatura como producción en Baroni: un viaje*”, aborda o romance publicado em 2007 por Chejfec com estas inquietações e com o pressuposto de que arte e política têm como tarefa em comum gerar regimes de visibilidade numa configuração social particular. Algumas respostas

---

<sup>11</sup> Villamediana, Luis Moreno. *Gramática del viaje en Cinco y Los incompletos*. in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit, p.222.



são encontradas, no ensaio, a partir do conceito de *assemblage*<sup>12</sup>: “*En la relación texto y paratexto, Chejfec articula el objeto literário como un ensamblaje*”<sup>13</sup>.

No ensaio “*En el borde de los paisajes culturales*”, Mariana Catalin faz uso do conceito de “paisagens culturais” para abordar *Baroni: un viaje* e *Mis dos mundos*. Estas duas produções de Chejfec são consideradas no texto dentro de uma série que expõe o problema da definição do artístico e de seus limites. Em *Baroni*, o narrador ensaia reflexões nas que são propostas oposições dicotômicas que se tornam inoperantes criando a necessidade de uma terceira opção dada, não por uma síntese, mas por uma suspensão da explicação e um deslocamento através de um movimento de suposição. Junto à série proposta, *Baroni*, segundo a autora, propõe uma justaposição constante de capas de sentidos e de materialidades: “*Arte moderno-mercancia-artesanía-primitivo-arte popular constituyen el paisaje cultural*”<sup>14</sup>. Esta paisagem cultural é construída no romance e ao mesmo tempo funciona como ponto de partida sobre a qual operam, de modo diferenciado, o narrador com suas divagações e os objetos que são introduzidos.

No ensaio “*La confesión de la pobreza. Un cierto Borges en Baroni: un viaje y otras obras de Chejfec*”, Reinaldo Laddaga chama a atenção sobre a exploração que faz Chejfec de certos aspectos presentes nas primeiras produções de Borges. Estes aspectos borgeanos, que são fundamentais na obra de Chejfec, se referem a: um lento caminhar em direção a um espaço fronteiro, ao encontro com uma cena de indigência apresentada como vaporosa, a um determinado registro de apresentação do sensível que Borges denomina “*ternura*” e Chejfec, talvez, “*blandura de la vida*”, e a um gesto de enunciação: o da confissão da pobreza. Com estes elementos, Chejfec compõe objetos textuais que parecem alcançar tão somente a primeira parte de sua concreção permanecendo assim como nichos de potencialidade.

12 *Assemblage* é um conceito tomado, por Epplin, do filósofo mexicano Manuel De Landa, mas que foi usado anteriormente pelos franceses Gilles Deleuze e Jean Dubuffet.

13 Epplin, Craig. *La literatura como producción en Baroni : un viaje*, in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p. 251.

14 Catalin, Mariana. *En el borde de los paisajes culturales* in Niebylski, Dianna C. (ed.), op. cit., p. 260.

No último ensaio do livro *Trayectorias de una escritura*, organizado por Dianna Niebylski, Jorge Carrión procura situar a escritura de Sergio Chejfec entre a tradição literária e a atualidade. O título do ensaio “*Entre Sebald y Google: la deriva de Sergio Chejfec*” anuncia que a tradição que ecoa em Chejfec, na leitura de Carrión, é a condensada na produção do autor de *Austerlitz*. Porém, não há na poética do escritor argentino um reconhecimento passivo de uma tradição, e sim, há uma intervenção que introduz um novo matiz, a partir de um componente pós-moderno que pode ser a dúvida, o desinteresse, a indeterminação ou o aéreo, com o objetivo de produzir uma inoperância.

**BIBLIOGRAFÍA**

BERG, Edgardo. *Poética de la indeterminación: notas sobre Sergio Chejfec*. Crítica Cultural, volume 2, número 2, jul./dez. 2007.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Ed. Eterna Cadencia. Bs. As. 2010.

NIEBYLSKI, Dianna (ed.). *Sergio Chejfec: trayectorias de una escritura*. Ensayos críticos. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana (IILI, Universidad de Pittsburgh), 2012.

SARLO, Beatriz. *Anomalías. Sobre la narrativa de Sergio Chejfec*. Punto de Vista n°57, abril de 1997 in SARLO, B. *Escritos sobre Literatura Argentina*. Ed. Siglo Veintiuno, 2007.